

A PROPÓSITO DE ANTÍGONA

SUZANA ALBORNOZ

Tomo a palavra com receio, não só porque a palavra em geral me suscita receio, pelo risco de mal-entendido que há em toda comunicação, mas porque já foi dito muito nesta mesa-redonda. Tenho também consciência do risco que é fazer uma comunicação que não se apresenta como resultado de um trabalho já feito mas como sugestão para exploração futura, indicação para um trabalho ainda por fazer, em aberto, uma meditação sobre *Antígona* a ser começada. Receio também porque falar de *Antígona* mais uma vez é um risco. *Antígona* é perigosa.

Falar de *Antígona* é como entrar num rio de palavras que já corre há 2.400 anos. De Aristóteles a Lacan, músicos e poetas cantaram *Antígona*, re-disseram *Antígona*. Inúmeros filósofos pensaram *Antígona*, interpretaram *Antígona*; repetiram-se as interpretações de *Antígona*. *Répétition* em francês é ensaio teatral. Interpretação é a mesma palavra para se falar do sentido de algo (ou de alguém) como do encarnar, pôr em vida um personagem. Falar de *Antígona* é repetição. Também como ensaio teatral, como interpretação no sentido do ensaio. Se *Antígona* é um mito, a repetição lhe é própria. O ritual do mito se repete, se mantém com sentido enquanto o mito está vivo. Goethe, Hoelderlin, Kierkegaard sentiram a necessidade de se ocupar de *Antígona*, de redizer e refazer o sentido desta filha de Édipo. Por que ainda falar de *Antígona*? Por que correr o risco de acrescentar uma palavra no imenso rio de 2.400 anos? Seja *Antígona* considerada como invenção de Sófocles, puro personagem fruto da imaginação criativa de um autor dramático; seja *Antígona* uma pessoa histórica; seja considerada como um mito grego que teria inspirado a tragédia famosa ou seja vista como expressão de estruturas profundas da *psychè* humana, por que ainda falar de A.?

O tema deste seminário é “a presença da mulher na literatura”. Se seguirmos o conceito de crítica que a entende como estudo da gênese de um fenômeno, para compreendermos de modo crítico a presença das mulheres na literatura, é de todo recomendável voltar a *Antígona*. A. é a figura feminina que está na origem da literatura ocidental. Rever A. é tentar fazer a crítica da presença da mulher na literatura ocidental.

O que dizer de *Antígona*? O que lembrar do que já foi dito sobre A.? Dentro dos estritos limites de tempo e propósito desta comunicação, quero apenas recordar uma interpretação famosa e destacar uma frase menos conhecida. Trago alguns ecos da interpretação que Hegel faz de *Antígona* e pretendo sugerir como inspiração a novas pesquisas uma frase de Ernst Bloch, onde ele usa *Antígona* para interpretação do feminismo contemporâneo.

Suzana Albornoz é doutoranda em Filosofia pela École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris.

Hegel fala de *Antígona* sem nomeá-la, deixando a peça de Sófocles como segundo plano, pano de fundo, inspiração para a reflexão filosófica sobre o mundo ético. Na parte VI da *Fenomenologia do espírito*, como já no final da parte V, é de *Antígona*, que se trata: “A ação ética: a lei humana e a lei divina, o homem e a mulher”. As reflexões hegelianas, de apresentação extremamente complexas e na aparência abstratas, são na verdade um comentário do drama de *Antígona*. (Muitas vezes a maior dificuldade para termos acesso ao sentido de uma página filosófica, é não saber o poema que a inspira, que tramita por trás dela. Os filósofos às vezes o que fazem é transpor para a linguagem “abstrata” um trecho concreto de literatura. Comentam os poetas.) É preciso ter em mente a peça de Sófocles para entender a lição magistral de Hegel. Aqui só pretendo veicular ecos da interpretação de Hegel, ecos porque através de seus intérpretes. Refiro-me a versões de Jean-Luc Seylaz e de George Steiner. O primeiro apresenta a tradução de André Bonnard da *Antígona* para o francês. O segundo faz o inventário possível, embora declare impossível o inventário dos trabalhos inumeráveis sobre A.

Segundo Jean-Luc Seylaz, para Hegel a tragédia se caracteriza por um conflito de valores. Além de encarnar valores, os heróis trágicos são caracteres singulares, indivíduos com uma personalidade, prisioneiros de uma obsessão. Assim, Creonte representa a religião do Estado mas também é um príncipe inseguro. *Antígona* representa as leis da família, a devoção à justiça dos mortos, às leis não escritas, mas é também uma jovem obsessional. A tragédia nasce menos da existência de valores incompatíveis que do movimento (“humano, demasiado humano”) de obsessão e intolerância irracionais.

Creonte e *Antígona* têm razão. Creonte e *Antígona* têm suas razões. Creonte e *Antígona* servem seus deuses. A tragédia reside na intolerância da razão do outro. Na intolerância reside o trágico.

Dito de outro modo (ainda Hegel, segundo George Steiner) “*Antígona* é a encarnação da substância ética”. De uma eticidade anterior ao direito positivo. O segredo da atualidade permanente de *Antígona* é o de ser uma condensação dos conflitos mais essenciais que cercam a condição humana: o humano e o divino, os mortais e os imortais, o homem e a mulher, o velho e o jovem, o Estado e a família, a sociedade e o indivíduo, a vida e a morte, as leis naturais e a ordem política. Os deuses do Hades e os deuses do Olimpo... (Entre Apolo e Dionísio...).

George Steiner acrescenta que, além do “caráter conflitivo” da tragédia, *Antígona* é uma reflexão sobre a solidão humana e a incomunicabilidade: Creonte e *Antígona* desenvolvem um diálogo de surdos. E *Antígona* sugere reflexão sobre o paradoxo da ação humana: sobre a sua parcialidade, imperfeição, incompletude, risco, finitude. Porque da peça de Sófocles é possível debruçar-se a tese de que a ação é que leva à destruição.

Ernst Bloch, a propósito de *Antígona*, nos dá uma nova pista, espécie de acesso de uma interpretação, sugestão para pesquisas históricas. Mais do que uma reinterpretação de *Antígona*, Bloch sugere — por uma expressão usada em uma frase do *Princípio esperança* — uma utilização da reflexão sobre *Antígona* na interpretação da história contemporânea; *Antígona* como recurso para a interpretação da história concreta. Bloch lembra *Antígona* de passagem, quase como uma figura de estilo, quase uma metáfora. O contexto e a

frase sugerem nova reflexão. A frase surge no contexto da análise das utopias sociais do século XX, do que Bloch chama "utopias de grupo burguesas". O feminismo é então pensado ao lado do sionismo e do movimento moderno de juventude.

Para Bloch, o feminismo aparece como uma "utopia arcaica". "Utopia" não no sentido vulgar, de sonho impossível, mas no de algo que ainda não tem lugar. "Utopia arcaica" porque tem sua fonte num passado remoto. Uma das inspirações desta "utopia arcaica" — ao lado de Carmen, personificação da lembrança do hetairado — é Antígona, como personificação da saudade do matriarcado. Antígona é personagem evocadora de uma "lei mais antiga", sim, uma "lei arcaica", a lei do matriarcado. O conteúdo desta utopia arcaica é o sonho de superação da violência, o sonho da não-violência. A substância do feminismo seria a "utopia da não-violência"; e isto, num mundo de violência, se dá como evocação ou saudade do matriarcado, essa realidade ou mito relacionado aos conteúdos de amor, união, paz: sonho de paz.

Ernst Bloch interpreta o ressurgimento do mito de Antígona no século XX, como herança de uma eticidade anterior à da sociedade e do Estado patriarcais e sugere essa chave para ser explorada na compreensão do fenômeno histórico concreto do feminismo. Ou seja, se em *Antígona* se tematiza o dilema de uma ética fundada na natureza, em confronto ou para além do direito positivo, a mulher transgressora da lei da *polis*, em nome do senso de compromisso primitivo, com raiz no afeto, na cumplicidade de sangue e no vínculo religioso familiar, evoca uma tradição "acima das tradições", menos no sentido de melhor, superior, mas de anterior, que precede — no tempo? — a tradição política. E o ideal desta lei para além da lei, por trás ou anterior a ela, faria parte essencial do imaginário do movimento feminista de nosso tempo. (Se não uma tese a ser demonstrada, há aí uma sugestão para pesquisa e reflexão.)

É muito problemático falar-se de matriarcado, como de um período histórico efetivamente existente. Como acaba de lembrar nesta mesa-redonda a comunicação de Miriam Grossi, das atuais convicções da ciência antropológica não se pode contar com a existência do matriarcado na gênese da família patriarcal, conforme as teses de Bachofen e Engels. Bloch ainda fala dentro da tradição de Engels e Bachofen. Todavia, embora se interprete a evocação do matriarcado como a uma dimensão da *psychè* humana antes de um tempo anterior, na origem da cultura patriarcal, ainda assim resta como desafio a interpretação do feminismo como utopia de não-violência e como ressurgimento do mito de Antígona: um e outro, o feminismo e o mito de Antígona, como utopias da superação da violência.

Quando Antígona diz: "Não nasci para partilhar o ódio; nasci para partilhar o amor", se resume bem a utopia da não-violência a que se refere Ernst Bloch. É também por esta frase, talvez, que Hegel a podia considerar figura precursora, antecipadora do Cristo, onde se encarna a utopia da não-violência do outro lado da cultura ocidental, na sua vertente de tradição judaico-cristã.

Seria interessante, para continuar estas sugestões incompletas, desviar o foco de luz sobre a figura da outra mulher presente na mesma obra de Sófocles. Já se tem escrito muito sobre Antígona. Já se tem escrito muito sobre Creonte. Ismênia é menos compreendida. Ismênia, a que se submete à lei da

cidade, à lei do Estado, da sociedade, dos deuses diurnos, dos deuses olímpicos, da razão, da vida. (Tem-se notícias de que Ismênia viveu vida longa...) A mulher covarde, atingida pela ação alheia, a tragédia alheia. Embora possa ter sobrevivido à Antígona, na peça ou na vida real, Ismênia é aquela que ficou à sombra, que não ganhou o papel-título, que não entrou na história, que merece talvez ser melhor iluminada e analisada.

Uma última sugestão que trago para este Seminário é a de que, na esteira da hipótese de Ernst Bloch sobre a ressurreição do mito de Antígona no seio, na alma da rebelião das mulheres no século XX, as pesquisadoras — as que sei presentes nesta sala — busquem dialogar com a obra de autoras nossas sob a luz desta hipótese. Parece-me possível ver o universo de valores "antigonais" na aspiração ao heroísmo de personagens de Tânia Faillace — também presente nesta sala neste momento. Como também posso pressentir como "antigonais" a força do compromisso com os mortos e dos laços de família no mundo dos romances de Lya Luft.

"Não nasci para partilhar o ódio. Nasci para partilhar o amor." É um risco querer resumir Antígona. Mas se ela devesse ser resumida, essa frase a resumiria. Resta saber se esta frase também pode resumir a alma do feminismo moderno, essa que aparece na obra literária das mulheres de nosso tempo. (É o que eu tinha a dizer.)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLOCH, Ernest. *Le Principe espérance*. Paris, Gallimard, 1982, t. II, p. 180-1.
BONNARD, André. *Civilisation grecque: d'Antigone à Socrate*. Lausanne, La Guilde du Livre, 1954.
HEGEL, G.W.F. *La phénoménologie de l'esprit*. Trad. Jean Hypollite. Paris, Aubier Montaigne, 1941.
LACAN, Jacques. *Le Séminaire — Livre VII: L'éthique de la psychanalyse*. Paris, Seuil, 1986.
REYLAZ, Jean-Luc. *Trois lectures d'Antigone*. In: *Antigone — tragédie de Sofocle*. Lausanne, de l'Aire, 1981.
SOPHOCLE. *Antigone*. Trad. André Bonnard. Lausanne, de l'Aire, 1981.
STEINER, George. *Les Antigones*. Paris, Gallimard, 1986.
VERNANT, Jean-Pierre & VIDAL-Naquet, Pierre. *Mythe et tragédie en Grèce ancienne*. Paris, François Maspero, 1982.